



3ª edição

João Anzanello Carrascoza

ENTRE
LINHAS
AVENTURA

Ladrões de histórias

Ilustrações: Rogério Soud

Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão de texto • Pedro Cunha Júnior e Lilian Semenichin (coords.)

Edilene Martins dos Santos /Renato A. Colombo Jr./

Célia R. do N. Camargo /Janaína da Silva

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisão de arte • Marco Aurélio Sismotto

Diagramação • Valdir Zacarias da Silva

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Impressão e acabamento •

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Isabel Cristina M. Cabral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Anzanello Carrascoza, João

Ladrões de histórias / João Anzanello Carrascoza ; ilustrações de Rogério Soud. – São Paulo :
Atual, 2003 – (Entre Linhas: Aventura)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0306-1

1. Literatura infantojuvenil I. Soud, Rogério.
II. Título. III. Série.

02-5948

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantil 028.5

13ª tiragem, 2017

Copyright © João Anzanello Carrascoza, 2003.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

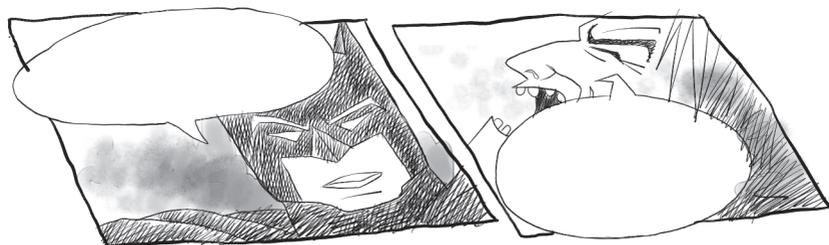
atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

CL: 810485

CAE: 602599

Sumário



Mapa de leitura 6

O portal de acesso 7

Estranhos acontecimentos 8

Abram a porta 11

Adiante 12

Ajuda 13

Aliado 16

Alice 17

Arte do Simurg 20

Binóculo 22

Bússola 23

Cachoeira 24

Camelo 28

Caminhos 31

Caverna 33

Certeza 39

Confusão 40

Corda 42

Cristal de luz 44

Culpado 46

Deserto 49

Desistir 52

De volta 53

Diversão 56

Em frente 59

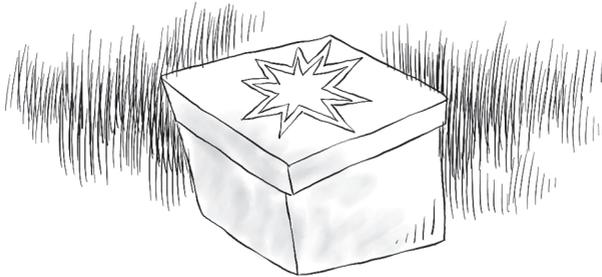
Fim 62

Gênio das Águas 63

Hora de improvisar 65

Invasão 67

Largar 69



Lente de aumento 71

Marinho 74

Memória 76

Mochilas 80

Na mesma 83

Não 87

Noventa e seis 90

Noventa e sete 92

Outra coisa 94

Pé esquerdo 96

Pegar 97

Perdidos no oásis 101

Ponte 103

Ponto-final 107

Praia 110

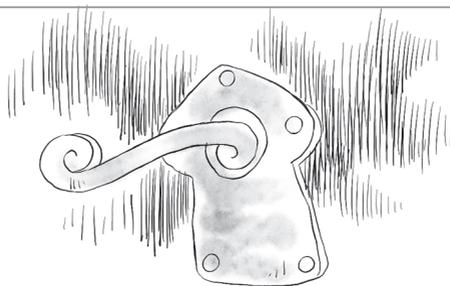
Problemas 113

Responsável 115

Resposta 117

Rochedo 120

Serra Quieta 127



Sim 131

Soluções 138

Surpresa 140

Torre dos Segredos 143

Trevosos 145

Único 149

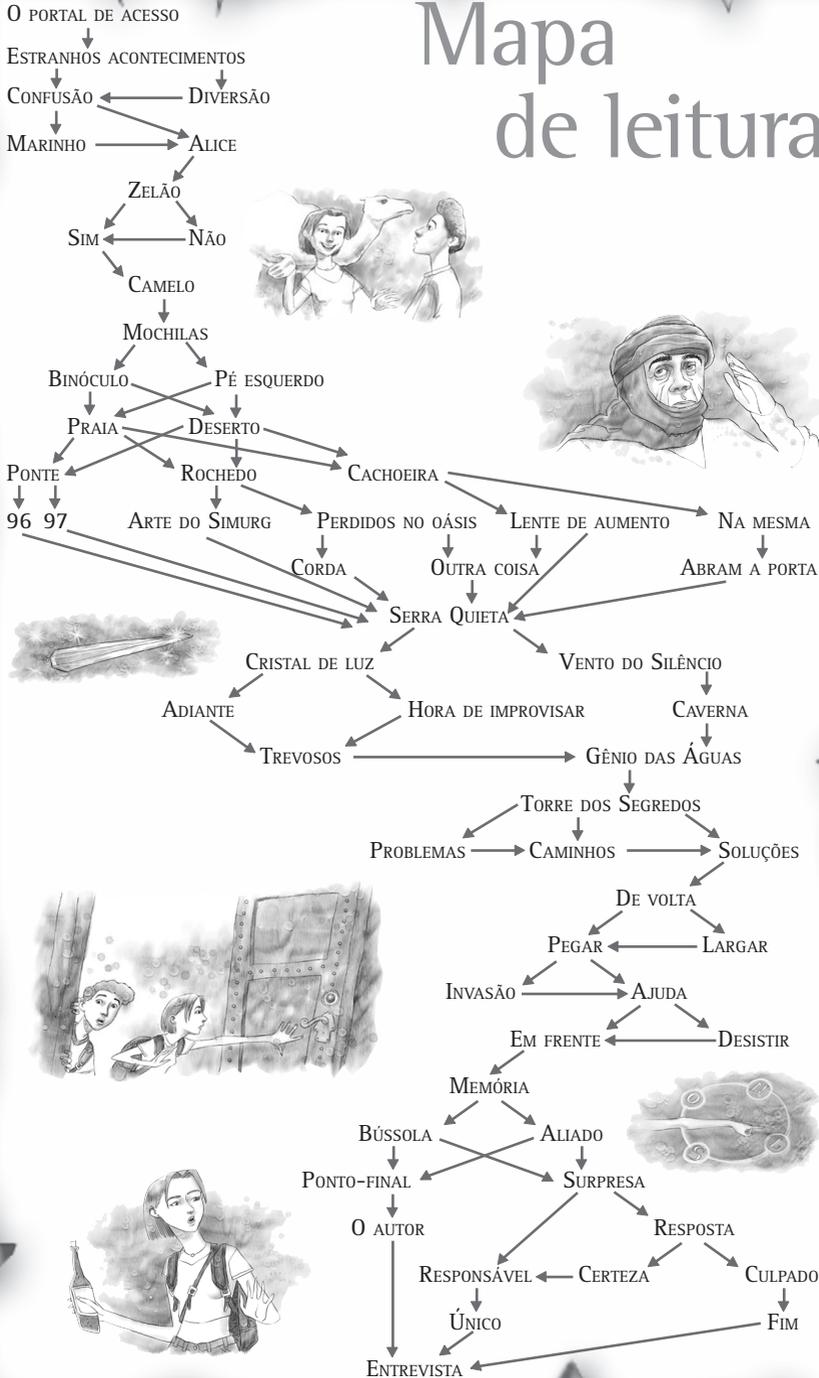
Vento do Silêncio 150

Zelão 152

O autor 156

Entrevista 157

Mapa de leitura



O portal de acesso



Iniciar a leitura deste livro é como estar diante de um portal para o desconhecido. Do outro lado está o País da Imaginação, para onde vão Jorge e Alice, atraídos por um intrincado desafio. É para lá, e com eles, que você viajará. A grande meta é deter os Trevosos, que comem as palavras do lado de cá e provocam amnésia nas pessoas, causando uma grande desordem no mundo. Mas você terá alguns aliados, como o velho Zelão, o pássaro Simurg, o gnomo Zebedel, o Gênio das Águas, a deusa Mnémose. Falar deles aqui é como passar o *trailer* de um filme, que só dá pra gente entender depois de assisti-lo inteirinho. O melhor é entrar logo para conhecer essas personagens, o portal está se abrindo, eis a chave em suas mãos. E, nesta aventura, é você quem vai decidir a cada capítulo qual o caminho que Jorge e Alice devem seguir. Eles podem chegar logo à solução, ou se perder em labirintos, enfrentando outros perigos e vivendo alguns episódios a mais, conforme a sua escolha. No final de cada capítulo, aparecerão uma, duas ou mais palavras grifadas, que nomeiam o próximo capítulo de seu percurso. Você terá de optar por uma delas e seguir imediatamente para a página correspondente. Mas não é só isso. Em alguns trechos desta viagem, você terá de descobrir as palavras para continuar a leitura e saber o que acontecerá com Jorge e Alice. O portal se abre quando você ler o primeiro capítulo, “Estranhos acontecimentos”. Daí em diante é fazer as suas escolhas e escrever o seu livro *Ladrões de histórias*.

Estranhos acontecimentos



O insólito fenômeno começou como um sonho numa noite de verão e daí em diante não parou mais, espalhando-se como um rastilho pelo mundo afora. Dona Ziza estava assistindo à novela das oito e, na hora da cena romântica mais esperada, o canal saiu do ar.

– Puxa vida! – bramiu ela. – Justo agora.

Aguardou alguns minutos, mas na tela da TV só se viam chuviscos. Aborrecida, começou a reclamar do marido, seu Jijo, a quem vinha pedindo em vão para arrumar a antena, quando ele entrou na sala de cara amarrada, tirou os óculos e desabafou, indignado:

– Tá faltando a última página – disse, sacudindo um dos volumes de *As mil e uma noites*, cuja leitura vinha saboreando com excitação. – Deve ter sido Jorge e Alice que arrancaram quando vieram procurar o atlas no escritório...

– Bem feito – disse dona Ziza, e correu para a casa da vizinha, com esperança de que pudesse ainda ver o final da novela.

Mas a TV de dona Julieta também estava fora do ar, mesmo com aquela enorme antena parabólica, semelhante a uma orelha metálica, que ela mandara instalar sobre o telhado.

Enquanto as duas amigas lamentavam o ocorrido, chegou dona Dulcineia, moradora do outro lado da rua, visivelmente perturbada, a voz fininha feita um riacho:

– Deus, tô ficando biruta!

E, antes que lhe perguntassem o motivo, ela estendeu a explicação como um tapete: estava contando a história de Chapeuzinho Vermelho para os dois netinhos dormirem e, de repente, tivera um branco. Nunca lhe havia acontecido nenhum lapso de memória. Será que estava ficando gagá? O pior é que os meninos tinham exigido imediatamente outra história; ela então começara a contar *Branca de Neve e os sete anões*, mas novamente se perdera. Não lembrava se a Branca de Neve dava um beijo no príncipe, despertando-o de um sono encantado, ou se ele dava um beijo nela e se transformava num sapo.

– É hoje – deixou escapar dona Ziza, achando aquilo muito estranho.

Então apareceu o filho de dona Julieta com a namorada, resmungando. Haviam ido ao cinema assistir *Titanic*, mas as legendas do filme sumiam, como se roídas por uma praga de ratos. A plateia começou a reclamar, as luzes se acenderam e houve uma gritaria dos diabos. A polícia foi chamada, a temperatura ferveu, mas neca de recomeçar o filme.

– Amanhã vou ao Procon – disse o rapaz. – Onde já se viu?

– Ai, minha Virgem Santíssima! Que está acontecendo? – sussurrou a mãe, aflita.

– Como dizia Cervantes, parece que o mundo conspira contra nós – comentou dona Ziza.

– Essa não era uma frase de Shakespeare? – perguntou dona Dulcineia.

– E não era o contrário? – perguntou dona Julieta. – O mundo conspira a nosso favor...

– Agora vocês me pegaram – disse dona Ziza.

– Tô falando que tem algo errado – disse dona Julieta.

– Bem, não sou só eu que tô esquecendo as coisas – falou dona Dulcineia, aliviada.

O casal de namorados ouvia as mulheres sem entender nada. E a eles se juntou o pai do rapaz, seu Túlio, que costumava ler a Bíblia antes de dormir e entrou na sala, gritando:

– Quem arrancou a página do salmo 18?

Como ninguém sabia explicar o que estava acontecendo, nem a respeito do sumiço das palavras, nem da amnésia das pessoas, acharam melhor ir dormir. Devia ser apenas uma coincidência... Certos dias são mesmo para serem esquecidos. Mas, ao chegar em casa, dona Ziza suspeitava que algo de muito grave ameaçava a comunicação entre as pessoas. Amante de um bom livro, seu Jijo, escritor e contador de histórias, já fora se deitar, aborrecido, por não saber o que acontecera com a princesa Sherazade em *As mil e uma noites*, apesar do som alto que vinha do quarto de Marinho, o filho mais velho, louco por *rock*. Só Jorge, o caçula, parecia se divertir. Deitado na cama, lia alguns gibis do Batman, emprestados por sua amiga Alice, e notou que faltavam textos nos balões de uma das histórias.

“Deve ser pra gente completar”, pensou ele, julgando que eram quadrinhos interativos. E, como herdara do pai o gosto de inventar histórias, meteu-se a escrever os diálogos que faltavam, rindo com suas próprias maluquices. As gargalhadas chamaram a atenção de dona Ziza, que antes de se recolher, ainda perturbada, foi vê-lo e não achou graça nenhuma, alertando-o para os problemas que podiam advir do inexplicável sumiço das palavras.

– O mundo pode virar um caos!

– Caos? – perguntou Jorge. – O que é isso?

– Confusão, filho.

– Ora, confusão? (p. 40) – sorriu ele. – Acho que pode virar é uma boa diversão (p. 56).

Abram a porta



– É pra gente abrir a porta – disse Alice. – Será que é isso mesmo?

– Só pode ser – respondeu Jorge.

– Vamos dar de cara com aquele matagal – disse a menina. – Ou com o deserto de novo.

– Pelo menos você não tem de imaginar outro camelo – disse o garoto.

– Isso seria o de menos – disse ela. – Duro mesmo deve ser andar dias e dias no lombo dele como os tuaregues.

– Pra quem gosta de aventuras não é nada – provocou ele.

– Quem não estava aguentando o Sol e queria água de coco não era eu – replicou ela.

– Bem, vamos! – disse Jorge, desviando o assunto. – O tempo está passando...

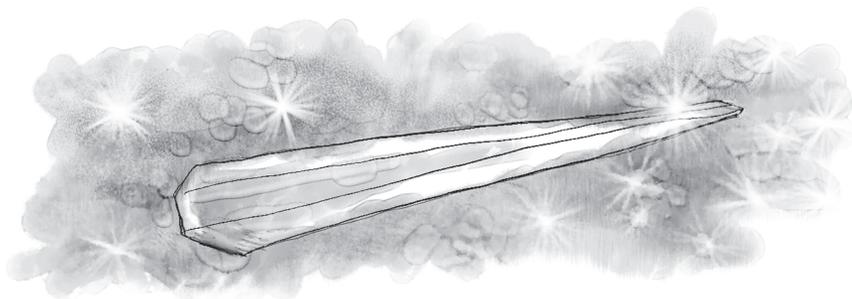
Atravessaram correndo a sala entulhada de livros. Na pressa, o garoto tropeçou num deles e caiu, quebrando o frasco com a poção do amanhã que ganhara do tuaregue. Nem teve tempo de lamentar, porque Alice já abrira a porta. E, ao contrário do que imaginavam, não havia matagal nenhum, mas uma imensa serra azulada que avultava lá adiante.

– Nossa, que beleza! – exclamou ela, admirada.

– É mesmo – disse Jorge.

– Bem que podia ser a Serra Quieta! (p. 127)

Adiante



– Peraí, acho que coloquei o canivete no bolso – disse Jorge. – Pronto. Aqui está.

Zebedel o apanhou e se pôs a cutucar o fundo do Rio das Letras, onde o cristal de luz cintilava, até conseguir extrai-lo. Parecia uma lâmina de vidro que ele logo colocou diante dos olhos e, voltando-se para a menina, viu sobre a cabeça dela um balão, igual aos das histórias em quadrinhos, no qual flutuava a pergunta: “Será que isso vai dar certo?”.

– Vai – disse o gnomo para Alice. – Com esse cristal, vocês vão ler os pensamentos dos Trevosos como eu acabo de ler o seu.

– Deixa eu experimentar – pediu ela, surpresa com as palavras de Zebedel. E, usando o cristal como óculos, observou Jorge, que naquele instante pensava com orgulho no quanto fora fundamental a sua participação para encontrarem o cristal.

– O importante não é quem fez isso ou aquilo – disse Alice, dando-lhe uma lição. – Mas que a gente consiga resolver o problema.

– Tudo bem – disse o garoto, desconfiando que ela lia seus pensamentos. – Já achamos o cristal de luz...

– Fiz a minha parte – disse Zebedel. – Agora é com vocês.

– Valeu – disse a menina, agradecendo o gnomo e guardando a pedra na mochila. – É hora de entrarmos na caverna.

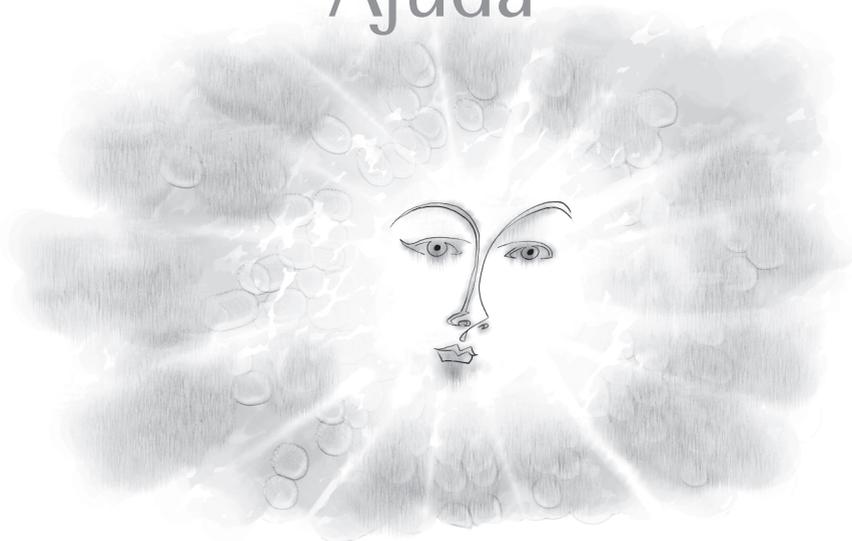
Caminharam até a boca da rocha e se despediram de Zebedel.

– Vou torcer pra que dê tudo certo – disse ele.

– Tomara – disse Jorge.

– Trevosos (p. 145), aí vamos nós! – exclamou Alice.

Ajuda



– Acho melhor buscarmos ajuda – disse o garoto. – Lembra do que disse seu Zelão? Há um exército de musas guardando o Arquivo da Terra e as garrafas com as cópias das histórias.

– É, você tem razão – disse a menina. – À força não vamos conseguir.

– E tem mais! – disse Jorge. – Elas só entregam a história que a gente merece.

– Bem lembrado.

– Deve haver um jeito de conseguirmos todas as histórias de uma só vez.

– Vamos voltar – propôs Alice.

Tentaram retornar pelo mesmo caminho, na esperança de chegarem novamente ao matagal que engolia o jardim da casa de seu Zelão. Mas, depois de irem para cá e para lá, não deram em lugar nenhum.

– Putz, estamos perdidos – disse a menina.

Então, Jorge mexeu no bolso e encontrou a caixa que pegara às escondidas na Torre dos Segredos.

– O que é isso? – perguntou Alice.

O garoto tentou se justificar, dizendo que apanhara a caixinha por engano antes de voltar ao mundo real.

– Não importa – disse ela. – Se nos ajudar a sair dessa...

– Não sei que solução contém – disse Jorge, fingindo que não tivera intenção de roubar nada. – Nem vi a placa!

– Pois abra a caixinha e veremos – disse a menina.

Sem nada a perder, ele a obedeceu. E, para surpresa de ambos, viram se materializar à sua frente um anjo cujo corpo emitia uma luz dourada tão intensa que mal podiam lhe distinguir as feições.

– Quem é você? – perguntou o garoto, espantado.

– Sou o Anjo da Verdade. Quando eu apareço, não há mentira que se mantenha em pé.

– Oba! – exclamou Alice. – Acho que você pode nos ajudar a convencer a musa do Arquivo da Terra de que não estamos mentindo.

E contou ao anjo o obstáculo que os impedia de botar ordem no mundo e reescrever as histórias devoradas pelos Trevosos.

– O caso é grave – disse ele. – Seria triste para a humanidade não recuperar essas histórias. Podem contar comigo!

Jorge e Alice voltaram à entrada do *canyon*. Quando a musa notou quem os acompanhava, fez logo uma reverência para o anjo.

– Então é tudo verdade? – perguntou ela.

– Sim – respondeu o anjo. – Eles precisam passar. Pode abrir o caminho?

– Claro – disse a musa. Murmurou umas palavras e a rocha se abriu, deixando entrever uma vereda.

– Muito bem, crianças – disse o Anjo da Verdade. – Boa sorte! Mas antes me recolham na caixinha.

– Melhor você ir junto – disse a musa. – Eles encontrarão outras musas lá e não avançarão se elas não tiverem certeza de que falam a verdade.

– Tudo bem – disse o anjo. – Adiante!

Os três então se embrenharam por aquele estreito corredor. Alguns metros à frente, deram com um paredão vigiado por uma dúzia de musas. Jorge resumiu o assunto que os conduzia ali e, uma vez confirmado pelo anjo que dizia a verdade, as sentinelas deixaram que avançassem, abrindo uma escotilha no solo pela qual eles chegaram ao outro lado do paredão. Não tardou que encontrassem um

rio à beira do qual uma musa fazia guarda, ao lado de uns barcos. Quando lhe perguntaram o que era preciso fazer para prosseguir, respondeu que estavam diante do Rio do Esquecimento, onde todos os que ali vinham buscar histórias eram obrigados a se banhar a fim de esquecer como haviam chegado ao Arquivo da Terra.

– Bom, e pra atravessar agora? – perguntou Jorge.

– Basta remar até o outro lado – disse a musa. – Mas, na volta, o barco só desliza se vocês se banharem nas águas do rio.

– E aí esqueceremos tudo – disse Alice.

– Não, vocês só esquecem que estiveram aqui e o porquê.

– Então não vai adiantar nada – disse o garoto. – Vamos voltar com as histórias, mas sem saber o que fazer com elas.

– Seu Zelão tá ligado – disse a menina.

– Não sei se dá mais pra confiar nele – disse o garoto.

O Anjo da Verdade então contou o que estava acontecendo do outro lado do mundo.

– Lamento – disse a musa. – Não posso fazer nada.

– De que vale conseguir a cópia das histórias se, quando voltarmos, esqueceremos o que temos de fazer com elas? – protestou a menina. – Minha mãe jamais saberá que sou sua filha.

– Não há então nenhuma saída? – perguntou Jorge à musa.

– Não – disse ela.

– Você está mentindo – disse o Anjo da Verdade. – Existe uma forma de voltar sem passar pelo Rio do Esquecimento.

– Infelizmente, não – disse a musa. – Mas se vocês se banharem antes na Cachoeira da Memória não esquecerão nada, porque estarão imunizados, e as histórias continuarão intactas.

– E onde fica essa Cachoeira da Memória? – perguntou Alice.

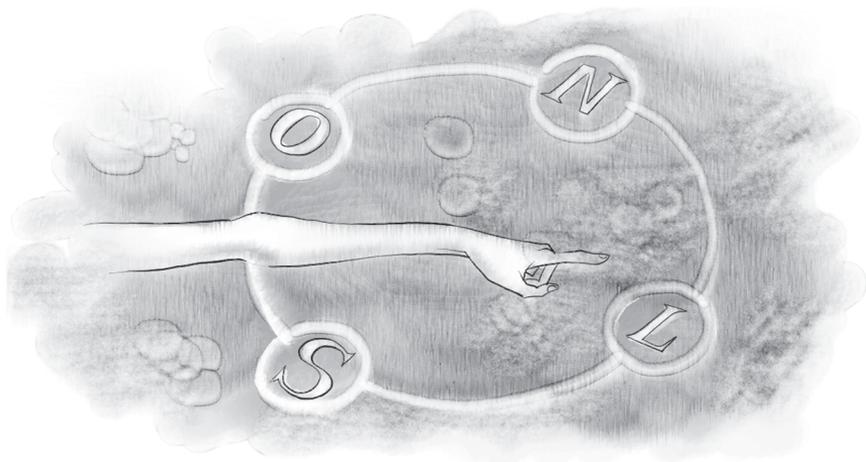
– Dentro do Arquivo da Terra – respondeu a musa. – Mas é quase impossível chegar até ela.

– Por quê? – perguntou o garoto.

– Ela desaparece quando a gente se aproxima – disse a musa.

– Não temos opção – disse a menina. – Vamos em frente (p. 59). Pegamos a cópia das histórias e depois procuramos a cachoeira. Ou é melhor desistir (p. 52).

Aliado



– Não trouxemos a bússola. – Os dois constataram, depois de procurar em suas mochilas.

– Você vai ter de arriscar – disse Alice ao amigo. – Acho que viemos daquele lado – completou, apontando à esquerda do *canyon*.

– Tem certeza? – perguntou Jorge.

– É o meu palpite – respondeu a menina. E zombou: – Atenção devia ser algo fundamental na vida de um detetive!

O garoto não ligou para a afronta. Mas, como Alice era boa em geografia, com aguçado senso de orientação, decidiu confiar nela. Agora, ele só precisava atravessar o Rio do Esquecimento e voltar para casa. A amiga tinha de beber a poção, ver a linha do futuro aos seus pés, dar um salto e desaparecer dali, indo para o dia seguinte do outro lado reencontrá-lo. Então, iriam colocar ponto-final (p. 107) naquela confusão toda. Ou ainda tinha mais alguma surpresa? (p. 140)